

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

### Índice

Dinâmica das Conversas.....	2
Gentileza .....	4
Jesus, a Palavra Viva e Gentil .....	5
O Sonho do Céu.....	7
Palavra de provisão – ao necessitado .....	8
Endireitando o que está torto .....	9
Quando vocês orarem, DIGAM... ..	12
Palavra de provisão – primeira história .....	16
Palavra de provisão – História número 2 .....	19
Prontos para a provisão .....	21
Anexo .....	22

# Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

## Dinâmica das Conversas

Em primeiro lugar, vale a pena esclarecer uma coisa a respeito do título deste tópico: a palavra **dinâmica**. Em linhas gerais, dinâmica é a disciplina que estuda o **movimento**. Quando recorremos à origem da palavra (o grego *dýnamis*), que significa força, potência. Em função dessa **força** existe o **movimento**. Portanto, a dinâmica de uma conversa é a força que a impulsiona, ao mesmo tempo, a que ela gera.

Certa vez, um jornal londrino promoveu um debate entre Robert Blatchford (editor de um periódico socialista) e Gilbert K. Chesterton. O resultado dessa conversa foi a publicação de **Ortodoxia**, um clássico da apologética cristã. Philip Yancey, no prefácio da edição brasileira – Editora Mundo Cristão – de **Ortodoxia** relata que sempre que Blatchford declarava suas razões para não aceitar o cristianismo, Chesterton respondia com uma *“refutação vigorosa e bem-humorada”*.

Pense bem: você já teve a sensação de que uma conversa despreziosa acabou sendo fonte de boas ideias e motivação para atitudes e comportamentos transformadores? Quando isso aconteceu, seria correto dizer que aquela conversa teve **uma força que gerou um movimento**?

Por outro lado, você já participou de uma conversa que parecia promissora, mas na qual os participantes não demonstraram entusiasmo, não se mostraram dispostos a tirar algo positivo e, ao final, ficou com aquela sensação de que foi uma perda de tempo? Quando isso ocorreu, seria correto dizer que **as forças que motivavam aquela interação não foram suficientes para gerar algum tipo de movimento**?

Por isso, quando Paulo fala aos Efésios, consigo identificar **duas forças (dýnamis)** que, integradas, são uma força, que traz um **movimento transformador** para aqueles que vivem aquele momento. É a **dinâmica** que Deus quer que demonstremos em cada uma de nossas conversas.

*“Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem.” (Efésios 4:29)*

No verso acima, Paulo convoca duas atitudes (que resultam em dois comportamentos) para as conversas daqueles que, em Cristo, vivem de uma maneira diferente e apresentam uma nova dinâmica em seus relacionamentos. Ambas estão relacionadas com as palavras.

- a) **Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês** – Em primeiro plano, a conversa dinâmica deve adotar uma atitude atenta contra o que Paulo chama de torpeza. A versão King James usa o termo palavra corrompida, inapropriada para uso. O termo grego usado aqui (*sapros*) é o mesmo usado na oportunidade em que Jesus alerta as pessoas dizendo que os frutos **ruins** de certos profetas são a evidência de que são falsos.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

*“Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore **ruim** dá frutos **ruins**.” (Mateus 7:15-17)*

Assim, mais do que “apenas um palavrão” (como alguém poderia pensar), a palavra torpe é aquela que intoxica, distorce, corrompe, destrói, incapacita aquele que a recebe. O comportamento que mais traduz essa característica da palavra nos dias de hoje é o que se pode chamar de **rudeza**. Palavras rudes roubam e intoxicam a dignidade das pessoas que as ouvem. E não são poucas vezes em que somos rudes em uma conversa. Às vezes, falta-nos paciência para investir em um relacionamento que leve em conta as necessidades e as motivações do outro; às vezes, falta-nos tempo (pois estamos sob o governo da Tacocracia) para darmos qualquer coisa além de uma palavra “curta e grossa” para uma pergunta, uma consulta, um pedido. **Abolir o uso da palavra torpe (da rudeza)** nas nossas conversas é uma **ação profilática** para construirmos uma conversa poderosa.

- b) **Mas apenas... que conceda graça aos que a ouvem** – Entretanto, Paulo não para na primeira advertência. Ele vai além e orienta-nos a empenharmos a palavra **que conceda graça aos que a ouvem**. A versão King James da Bíblia usa a expressão “ministre graça”. A palavra grega (*didomi*) traduzida como “conceda” (NVI) ou “ministre” (KJV) tem o sentido de dar algo a alguém como **algo essencial** para a vida dele; também como se fosse a **devolução de algo que já deveria lhe pertencer**. A mesma palavra também é usada quando Jesus nos ensina a pedir que Deus “dê-nos” o pão de cada dia. Vejamos esses dois aspectos em mais detalhes:
- Algo essencial** – A graça é essencial para a vida. Não é sem propósito que Paulo menciona a obra de restauração de Jesus aos Colossenses (1:15-20) como a sustentação de tudo o que existe. A graça, existente desde o princípio (antes do começo da história) foi o que fez com que Deus criasse o mundo e não o consumisse após o pecado de Adão e Eva. O autor de Provérbios (10:21a) diz que *“As palavras dos justos dão sustento a muitos.”*
  - Devolução de algo que já deveria lhe pertencer** – Em complemento ao item anterior, a graça nas palavras é aquilo que restitui ao homem um pedaço daquilo que ele perdeu no Éden. Muitas vezes, é um bálsamo para restaurar uma alma ferida.

Mas às vezes é preferível ser indiferente à necessidade do outro de ouvir palavras de graça. A indiferença é um mal tão grande quanto a rudeza. Dessa forma, empregar palavras que concedam graça é uma **ação terapêutica contra a indiferença**.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

Essas duas forças, que são manifestações poderosas do amor de Cristo em nós podem ser traduzidas com apenas uma palavra...

### Gentileza

Nos anos 70 e 80, morava pelas ruas do Rio de Janeiro uma figura exótica que ficou conhecida como Profeta Gentileza. Entre outras coisas, ele andava por trens, ônibus e barcas da cidade, distribuindo flores e pregando atitudes e comportamentos gentis de uns para com os outros. Além disso, escrevia nas pilastras dos viadutos da Avenida Brasil frases de sua pregação. A frase que acabou ganhando fama foi “Gentileza gera gentileza”. Quando a Prefeitura do município do Rio de Janeiro decidiu limpar a cidade de pichações e coisas do tipo, houve um movimento da população no sentido de preservar os ditos do Profeta Gentileza. O movimento ganhou a adesão de Marisa Monte, que compôs uma música em homenagem ao “profeta”. Entre outras coisas, a música (leia o texto completo no anexo) diz assim:

*“Nós que passamos apressados  
Pelas ruas da cidade  
Merecemos ler as letras  
E as palavras de gentileza”*

*Nota: no fim das contas, a Prefeitura declarou as frases de Gentileza patrimônio cultural da cidade e as frases estão lá até hoje*

Marisa Monte acertou em cheio quando menciona que passamos apressados pelas ruas da cidade – e, por isso, ler palavras de gentileza é tão importante. Aquele que vive em Cristo não está sob as leis da Tacocracia.

Às vezes, em nossa pressa, perdemos o foco do que é importante para Deus (levar o outro para a comunhão com Ele), achamos que vale tudo para vencer o quanto antes – e, nesse modo de vida, só nos resta o recurso de sermos **rudes e indiferentes**.

Vale a pena ler inteira a carta de Paulo aos Efésios, pois ela é toda direcionada a orientar aqueles que, em Cristo, foram resgatados para uma nova vida – como **os versos à espera do tema** mencionados pelo Gladir em seu poema. Em suma, o livro segue a linha do verso acima, em que Paulo nos lembra de nossa nova natureza, que não é compatível com antigas práticas e que esse novo homem tem diante de si novas responsabilidades. Vejamos:

- a) Efésios 2:1 – Nós não vivemos mais sob o governo deste mundo (nem da tacocracia ou qualquer outra ordem escravizadora)
- b) Efésios 2:10 – Nós somos poemas, feitos para boas obras – com ênfase mais para a palavra “boas” do que para a palavra “obras”

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

- 
- c) Efésios 4:25 – Portanto (não mais escravos, criados para fazer coisas boas), **ajam de maneira diferente**. Como Jesus, sigam na contramão.
  - d) Efésios 5:15-16 – Aproveitem as oportunidades para distribuírem graça. Daniel Guanaes relata que certo pastor lhe disse: *“Nós fazemos parte de uma raça caída. E porque nós fazemos parte de uma raça caída, toda vez que meus filhos acertarem, vou fazer uma festa com eles.”*

Dessa forma, vale a pena compartilhar o que o pastor Daniel Guanaes fala em seu sermão sobre a Gentileza: *“A (nossa) gentileza faz a vida do próximo melhor”*.

### Jesus, a Palavra Viva e Gentil

O que Jesus, o Verbo que se fez carne tem a ver com isso? Tudo. Não é à toa que carta aos Efésios é conhecida por orientações de Paulo àqueles que, EM CRISTO, foram resgatados para uma nova vida – inclusive como **ministros da gentileza**. Porque Jesus de Nazaré deu várias provas de atitudes gentis durante sua vida e ministério.

Acredito que a mais emblemática de todas está registrada no Evangelho de Lucas, quando Jesus reage com gentileza em uma situação dramática.

*“Pedro respondeu: ‘Homem, não sei do que você está falando!’ Falava ele ainda, quando o galo cantou. **O Senhor voltou-se e olhou diretamente para Pedro**. Então Pedro se lembrou da palavra que o Senhor lhe tinha dito: ‘Antes que o galo cante hoje, você me negará três vezes’. Saindo dali, chorou amargamente.” (Lucas 22:60-62)*

Você já parou para pensar que tipo de olhar Jesus deu para Pedro naquele momento? Certamente não foi um olhar de “eu te disse”, “eu já sabia”, “não dá para confiar mesmo”. Creio que não, porque reações assim raramente terminam bem e em aproximadamente 105% das vezes não têm utilidade prática nenhuma. Além disso, reações desse tipo causam feridas que, de tão profundas, podem ser incuráveis e levar a consequências desastrosas na personalidade da pessoa que a recebe.

A verdade é que eu não estava lá e não consigo imaginar com precisão como foi exatamente aquele olhar. Mas creio que uma das canções do álbum “Somos Um”, de Jorge Camargo, chama-se “Fale de Amor”, nos dá uma pista do que foi que Pedro viu no olhar de Jesus:

*“Fale de amor  
No espelho d’água de seus olhos  
Abra os portais do seu abraço  
Se for preciso, use palavras” (Jorge Camargo, Fale de Amor)*

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

A reação de Jesus em relação a Pedro nesse episódio permitiu sua recuperação e sua volta por cima – o que veremos em seguida. Em vez de rudeza e de indiferença, Jesus deu a Pedro a gentileza no olhar.

Foi uma reação de **gentileza sem palavras**. Algo como: “O que acaba de acontecer não muda o que eu vim fazer aqui. Estou indo ali, cumprir minha parte nesse plano. Volto daqui a alguns dias, quando a gente pode botar a conversa em dia e eu passar as próximas instruções pra você. Se cuida.”. Enfim, muitas palavras e tantas coisas ditas com apenas um olhar gentil.

Desconfio que foi mais ou menos isso o que aconteceu, pois o Evangelho de João registra, no capítulo final uma conversa interessante.

*“Pela terceira vez, ele lhe disse: ‘Simão, filho de João, você me ama?’. Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez ‘Você me ama?’ e lhe disse: ‘Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Cuide das minhas ovelhas’” (João 20:17)*

Há muitos estudos e muito que falar sobre esse episódio. Por exemplo, há reflexões que entendem haver algo de importante entre o fato de, no original, João ter registrado que, nas duas primeiras vezes em que perguntou “Pedro, tu me amas?”, usou o termo grego “*agapao*” (o amor sacrificial) e, na terceira, usou “*phileo*” (o amor fraternal). Não vamos entrar neste mérito aqui (mas recomendo que você pesquise sobre isso em outra ocasião).

O que me chamou a atenção na cena é que Pedro demonstra preocupação em reafirmar seu amor e amizade por Jesus. Mas o Mestre está preocupado com outra coisa – que era mais necessária a Pedro naquele momento.

Pedro precisava de palavras de confiança. Sua autoestima estava afetada, pois tinha falhado, negando seu mestre em um dos momentos mais cruciais de sua caminhada juntos. O antes destemido líder Pedro (Pedra) encontrava-se quebrado, envergonhado e mesmo certo de que, com aquela falha, não mais gozava da confiança de Jesus. Mas não foi isso que ele ouviu do Mestre. “Cuide das minhas ovelhas”, foi o que Jesus lhe disse. Era isso mesmo: apesar de tudo, o Senhor Jesus afirma que Pedro continuava sendo a pessoa a quem lhe seriam confiadas as suas ovelhas.

A Palavra de Deus é assim. Não se decepciona conosco. Ela sabe como somos, nossas limitações e nossos medos. Quem nos acusa pelos nossos defeitos é outra pessoa. Jesus, a Palavra, pelo contrário, exorta-nos a continuarmos em nossa caminhada ao seu lado.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

### O Sonho do Céu

Concluindo nossa primeira etapa dessa investigação, voltamos os olhos para o princípio de tudo, quando Deus decidiu criar o homem à sua imagem e semelhança que, em amor, iria gozar das palavras e promessas feitas desde os primeiros momentos dessa relação. As palavras de Comunhão, Revelação e Provisão sobre as quais falamos no início de nossa jornada são o esteio desse sonho nascido no coração de Deus – com toda a criação e com o homem integrados em um mundo onde tudo interage em amor, que é a essência de dEle e de sua arte.

Esse sonho teve um alto custo – da vida daquele que, foi protagonista dessa história desde a criação. Deu-se em ato de amor e graça - voluntariamente, despido da glória e majestade que eram seus por direito. Assim, restabeleceu o sonho que se imaginava perdido no Éden. Paulo descreve aos Colossenses a missão de reconciliação da Palavra entre nós. Por isso, ele afirma que tudo nele subsiste.

*“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz.” (Colossenses 1:15-20)*

Entendo que a poesia de Gladir Cabral (musicada por Jorge Camargo) expressa com precisão e delicadeza esse sonho do céu.

### O Sonho (Gladir Cabral / Jorge Camargo)

O sonho da semente é o trigo  
 O sonho do padeiro, o pão  
 O sonho do poeta, o livro  
 O sonho do livro, a visão  
 O sonho da visão, a estrela  
 O sonho da estrela, o céu  
 O sonho do céu, o Filho Amado  
 Que um dia nasceu em Belém

E foi qual semente que morre  
 E foi qual poeta que canta  
 E foi como a gente que parte  
 E que come pão, livro, estrela e céu.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

### Palavra de provisão – ao necessitado

Como vimos anteriormente, as conversas de Jesus, nascidas no plano de resgatar o perdido (Mateus 18:11) baseavam-se em três pilares: A personalidade do outro, a motivação do outro e a necessidade do outro.

Cada um desses aspectos está relacionado ao resgate de uma das três palavras perdidas no Éden: O foco na **personalidade** está associado ao resgate da **palavra de comunhão**; na **motivação**, ao resgate da **palavra de revelação** e; na **necessidade**, ao resgate da **palavra de provisão**.

A Palavra de provisão, aquela que Deus deu ao homem no Éden dizendo que era parte de seu papel na comunidade da Trindade – e que ao homem caberia outros papéis e outras tarefas. Relembrando...

*“Disse Deus: ‘Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. **Elas servirão de alimento para vocês. E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão’.** E assim foi.” (Gênesis 1:29,30)*

Acontece que a tragédia relatada no capítulo 3 de Gênesis fez com que o homem optasse pelo individualismo, em oposição à comunidade. Assim, achou que era melhor buscar seu próprio sustento, sua própria provisão. O autor de Eclesiastes resume com muita precisão as consequências daquele ato de rebeldia e individualismo.

*“Tudo o que aprendi se resume nisto: Deus nos fez simples e **direitos**, mas **nós complicamos tudo.**” (Eclesiastes 7:29 – NTLH)*

Eu entendo que o termo chave desse diagnóstico é aquele que está traduzido como **direitos**. No hebraico, **yashar**, que significa literalmente ereto, perpendicular. Deus nos fez assim: retos e alinhados.

Quando penso nisso, a imagem que vem imediatamente à minha mente é uma que conheço bem e cada vez mais ortopedistas e fisioterapeutas têm trabalhado para corrigir suas consequências: a postura cada vez mais inadequada quando nos sentamos e, especialmente, o que entendo ser sua característica degenerativa. Quando nos sentamos incorretamente, a tendência é que, com o passar do tempo, isso piore. Experimente sentar-se em uma cadeira inadequada ou em uma posição inadequada. Após os 15 primeiros minutos, você já encontrou uma posição ainda mais inadequada e, em 30 minutos, pior.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

Minha visão da queda é que o homem escolheu uma cadeira inadequada no Éden. Desde então, vem tentando se ajustar para minimizar o desconforto. Mas o único resultado obtido tem sido uma posição cada vez mais desconfortável.

Aliás, essa figura está alinhada com a expressão traduzida por “nós complicamos tudo”. Nenhuma das versões mais usadas na língua Portuguesa descreve exatamente o que o autor de Eclesiastes escreveu. O autor diz “*baqash rab chishshabown*”, que significa literalmente “*foram à procura de muitas invenções*”. A versão King James em Inglês traz “*they have sought out many inventions*” – algo como “... *eles buscaram muitas invenções*”.

Enfim, o termo *chishshabown* significa especificamente “*dispositivo inventado*”. Em outras palavras, para dar conta de sua responsabilidade (aquela que ele ficou orgulhoso em assumir no Éden), o homem vem quebrando a cabeça, inventando soluções socioeconômicas, equipamentos, maneiras de viver – que nada mais são do que bugigangas, que não têm demonstrado eficiência ou (principalmente) sustentabilidade. Ou seja: o que quer que inventemos não se sustenta ao longo do tempo.

Pense em algumas invenções que, em um primeiro momento, apareceram como uma grande coisa, uma grande solução ou evolução para a humanidade, mas que, com o passar do tempo, mostraram-se ineficazes, inócuas ou mesmo perniciosas. O carro, o amianto, garrafa PET entre outros.

Jesus veio para resgatar a palavra de provisão e endireitar o que está torto.

### Endireitando o que está torto

Desde os primeiros momentos, Jesus fez mais do que ensinar a esse respeito. Ele agiu e colocou-se como exemplo de uma pessoa – como homem que foi – resgatando o papel da **palavra de provisão em todos os momentos da vida**.

Jesus orava. Constantemente. Incessantemente. Sua oração em vários momentos de seu ministério de ensino, pregação e intercâmbio conversacional é a instrução mais eloquente para aquele que deseja **restabelecer a palavra de provisão** na sua vida. Jesus orou também na cruz e isso será objeto de reflexão mais detalhada na parte final de nossa jornada.

Vejamos alguns dos momentos em que Lucas apresenta Jesus em oração:

- **Nos começos (Lucas 3:21)** – No episódio em que foi batizado, junto com outras pessoas, Jesus orava. O batismo de Jesus é entendido como o início oficial de seu ministério na terra. Enquanto orava, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele como uma pomba, declarando “*Tu és meu filho amado; em ti me agrado*”. Naquele momento, Deus estava dizendo que seu filho estava pronto – e seria o protagonista dali em diante – para

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

começar o ato final de sua missão de resgate do homem. O começo de qualquer coisa é um momento singular.

Em Gestão de Projetos, por exemplo, é um momento tão importante que é objeto de um evento solene (conhecido como “Kickoff Meeting”), durante o qual é apresentado o Termo de Abertura de Projetos (TAP). O formato de um TAP varia, mas um bom termo define para o projeto apresenta aos seus participantes alguns itens mínimos como: Descrição sumária, justificativa, objetivo, requisitos preliminares, designações (papéis e responsabilidades), eventos-chave (“milestones”), orçamento e riscos preliminares. Em seu início de projeto, quando assumiu aquele papel, Jesus entendeu tudo o que estava sobre seus ombros para que os objetivos fossem alcançados. Como homem, orou e colocou-se à disposição para o cumprimento de suas tarefas. Imagino que pediu forças e capacitação para a missão. Mas creio que, igualmente, apresentou-se totalmente dependente da provisão de Deus para aquilo que não estava em suas mãos. É orando que temos encarado os começos em nossas vidas?

- **No sucesso (Lucas 5:16)** – A partir dos primeiros movimentos em seu ministério, Jesus começou a conhecer a fama. Lucas relata que, na medida em que as notícias espalhavam-se a seu respeito, crescia o número de gente que queria conhece-lo e ouvi-lo. Começos humildes e conscientes como vimos anteriormente são fundamentais. Mas saber lidar com o reconhecimento público de seu desempenho e continuar firmado na dependência daquele que é o Senhor da seara na qual trabalhamos não é fácil. Por isso, logo após afirmar que *“as multidões vinham para ouvi-lo”*, Lucas registra providencialmente **“MAS Jesus retirava-se para lugares solitários, e orava”**. Quando as coisas dão certo, o clima está bom, nós temos tido o entendimento de que, neste momento, é importante sair dali para um lugar solitário e orar, tal qual fizemos no começo?

O autor de Eclesiastes novamente apresenta um conselho precioso para nossos momentos de fama e sucesso:

*“O coração do sábio está na casa onde há luto, mas o dos tolos, na casa da alegria.” (Eclesiastes 7:4)*

- **Nas decisões (Lucas 6:12)** – Lucas também registra que, imediatamente antes de designar aqueles que seriam os doze apóstolos, *“Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus”*. Para mim, não tenho clareza sobre o que significava para a pessoa Jesus (o homem que viveu na Palestina) ser ao mesmo tempo 100% Deus e 100% homem. Não sei se, em algum momento, havia opções para aqueles que deveriam ser “os doze escolhidos” ou se ele já tinha conhecimento da “lista”. De qualquer forma, o fato de Jesus orar durante uma noite inteira antes daquele momento importante me permite inferir que ou ele estava considerando quais deveriam ser escolhidos ou estava apresentando para Deus um a um daqueles homens (assim como o fez resumidamente no relato da chamada

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

“Oração Sacerdotal” em João 17), suas características, seus talentos, seus defeitos, seus pontos de atenção. Será que, quando falou de Pedro para Deus, Jesus descreveu aquela personalidade cheia de altos e baixos e que, como dizemos, era alguém bom para a equipe, mas que “ia dar trabalho”?

Não tenho essas respostas. O que sei é que, no momento de escolhas e de decisões, é preciso falar com Deus, para que os medos sejam mais bem compreendidos, as expectativas sejam esclarecidas e alinhadas.

Tem sido essa a dinâmica de nossas decisões?

- **Nas reflexões e nos questionamentos (Lucas 9:18)** – Em toda empreitada há aquele momento em que paramos para pensar e conferir se as coisas andam como planejado ou se, em algum momento, saíram dos trilhos. Entendo que o que Lucas registra aqui é um desses momentos. Jesus ora e, em seguida, pergunta diretamente aos discípulos: “*Quem as multidões acham que sou?*”. Para mim, está claro que a oração precedeu à pergunta para que ele pudesse **estar pronto para a resposta**. É preciso estar preparado para receber tanto para uma resposta que esteja de acordo com as expectativas (e lidar com o orgulho que pode advir dela) quanto para uma resposta diferente do que esperamos (e lidar com o sentimento de frustração ou desânimo que isso pode trazer). Estou certo que a reação de Jesus ao ouvir as respostas foi fruto dos momentos de oração que precederam aquele momento.

Temos orado para lidar com as respostas que queremos receber e também com aquelas que não queremos receber?

- **Na posse (Lucas 9:28-29)** – Quando estava com Pedro, Tiago e João naquele que ficou conhecido como o “monte da transfiguração”, Jesus recebeu a visita de dois personagens emblemáticos da história do povo judeu. Moisés representava “a Lei” (que apontava para Jesus como o cumprimento final e definitivo de suas normas e designações); Elias representava “os profetas”, cuja obra não tinha outra finalidade se não falar da parte de Deus para o povo sobre a vontade do Pai e apontar para o resgate do homem perfeito, conforme o plano revelado no Éden, logo após a queda.

A presença de Moisés e Elias era, portanto, algo como o momento em que Jesus estava recebendo o “certificado” de que ele era aquele a respeito de quem os judeus ouviam falar desde os seus primeiros momentos como nação. Em Lucas 4:16-21, vemos Jesus falando sobre ele próprio ser o cumprimento da Escritura. Na transfiguração, Moisés e Elias, como membros reconhecidos da história do povo judeu, legitimaram com sua presença que a profecia tinha sido cumprida na pessoa de Jesus. E isso foi fundamental para Pedro, Tiago e João. Em uma cena diferente daquela do batismo (em que apareceu uma pomba), ouviram uma voz reafirmar que Jesus era o Escolhido de Deus.

Para encarar aquele momento de reconhecimento e de responsabilidade, Jesus orou.

Temos orado a cada reconhecimento e progresso que temos tido?

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

- **Na vida diária (11:1)** – Neste episódio, Lucas afirma simplesmente que Jesus orava em determinado lugar. Simples assim. Sem uma tarefa específica pela frente, sem um desafio. Simplesmente a vida à sua frente. E ele orou. E orava. E o fazia de tal forma que os discípulos pediam que ele os ensinasse a orar. Notemos que eles não pediram que Jesus os ensinasse a curar, a expulsar demônios ou a qualquer outro “poder milagroso”. Os discípulos perceberam a diferença que a vida e a prática de oração faziam no caráter de Jesus. Nossa vida de oração tem sido um alento para quem vive à nossa volta?

Finalmente, o que podemos perceber é que Jesus orava como alguém que se colocava nas mãos de Deus para ter sua mente lapidada para que sua vida fosse como João registra em seu evangelho quando fala do Verbo que se fez carne:

*“Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, **cheio de graça e de verdade.**” (João 1:14)*

Jesus apresentava-se àqueles com quem convivia **cheio de graça e de verdade**. E isso, certamente, era fruto de suas conversas diárias com o Pai.

Pessoas que vivem sob a bênção da **palavra da provisão** têm seu caráter lapidado para que se dediquem apenas ao seu papel na comunidade da Trindade. Pessoas assim estão preparadas **para que suas vidas sejam fonte de graça e de verdade para os que os cercam**. Assim deve ser conosco.

### Quando vocês orarem, DIGAM...

Jesus, a Palavra, usou e ensinou a oração como o resgate da palavra de provisão. Eugene Peterson, ao observar que, bem no centro de seu famoso “Sermão do Monte”, Jesus ensinou a orar, considera que a oração é o elemento principal na efetividade das palavras no Reino de Deus. Ele conclui afirmando que *“A oração é o coração que bombeia sangue em todas as palavras e atos”*.

Por esse motivo, ao entregar aos discípulos o modelo de oração, Jesus declara sem meias palavras: *“Quando vocês orarem, DIGAM...”*. Vale a pena refletir sobre cada uma das coisas que devemos dizer.

- **Pai** – A oração é um ato pessoal, envolvendo aquele que trata-nos como Pai. Eugene Peterson relata a experiência em que, finalmente, teve o entendimento da expressão *Aba, pai*. Naquela oportunidade, ele estava em um aeroporto em Frankfurt, quando testemunhou uma criança árabe indo ao encontro de seu pai, que chegava de viagem. De braços abertos, ele gritava *“Aba, pai!”*. O termo usado na oração que Jesus ensinou é

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

*pater*, mas o sentimento de dependência, de alívio e de felicidade ao lado do Pai é elemento importante no relacionamento com Deus. O salmo 37 expressa com muita felicidade a força desse relacionamento:

*“Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração. Entregue o seu caminho ao Senhor; confie nele, e ele agirá.” (Salmos 37:4,5)*

- **Nosso** – A oração não é uma ação isolada. Por isso, a oração é **nossa** – minha e daqueles que estão ao meu lado – feita para o **nosso** Pai. A oração é uma ação pessoal, mas que não perde de vista o fato de que ela acontece dentro do contexto da comunidade em que estou eu, está a Trindade e está o meu irmão. Isso é relevante para que eu entenda que meus desejos e necessidades estão inseridos e integrados na comunidade – o que significa que o que eu peço deve estar em consonância com o que precisam meu irmão e a coletividade. Igualmente, é fundamental para que eu não me sinta sozinho ou abandonado em uma “fila” de pessoas que estão ali para pedir um favor a uma divindade qualquer.
- **Venha o teu reino** – Quando foi preso (João 18:33-36), Jesus foi desafiado por Pilatos a apresentar o seu reino. O objetivo ali era provoca-lo a medir forças com o império romano. Jesus reage e diz que o Reino de Deus não é algo que mede forças com reinos da terra. Ele subverte os reinos da terra porque está no coração daqueles que dele fazem parte. No coração estão as fontes da vida (como escrito em Provérbios 4:4). Quando eu oro declarando que “venha o reino de Deus”, estou dizendo que estou pronto para agir e viver sob o reinado daquele que me criou – e isso ninguém tira de mim, porque está no meu coração.

Viktor Frankl, médico psiquiatra que foi preso e deportado com sua esposa e sua mãe para Auschwitz para serem executados. Sua mãe morre na câmara de gás e sua esposa é transferida para outro campo de concentração, onde também morre. Sozinho, privado de tudo, com a perspectiva da morte iminente, em vez do suicídio, Frankl achou forças e optou pela vida. Ele teria dito:

*“... Pode-se tirar tudo de um homem exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho.” (Viktor Frankl)*

Naquela experiência, ele avançou e saiu dali mais forte para reconstruir sua vida. Quando eu oro pela vinda do Reino na minha vida, estou decidindo usar minha liberdade para ser livre no Reino de Deus.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

- **Tua vontade... céu** – Acho que a maioria das pessoas, quando lê ou fala esse pedaço da oração que Jesus ensinou, lembra-se imediatamente de uma outra oração (registrada por João, no capítulo 17) em que, em um momento crucial de sua caminhada, declara seu conflito de alma e pede para, se possível, “não passar pela crucificação”; em seguida, declara que, acima de tudo, “fosse feita a vontade de Deus”.  
Eu creio que é uma boa associação e define bem a situação de submissão à vontade de Deus de Jesus, mas acredito que uma declaração tão crucial e pesada quanto essa é a que fez Maria ao ouvir que havia sido a escolhida para dar à luz o filho de Deus (Lucas 1:38).

*“Respondeu Maria: ‘**Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra**’. Então o anjo a deixou.” (Lucas 1:38)*

Não estou dizendo que foi fácil para Jesus. Mas estou dizendo que Maria foi de uma coragem ímpar. Uma adolescente / jovem, grávida antes de ter tido relações sexuais com seu marido. O representava aquilo para uma mulher naquele contexto? Naquele instante, tudo o que ela teve foi a perspectiva do Reino e seu papel na história que ali começava. Quando eu oro pela vontade de Deus, é preciso ter clareza que a vontade dEle é uma só e é imutável. A vontade dele para nós é o céu. Sempre foi.

Isso vai contra tudo o que temos visto na pós-modernidade, mas que já está presente na filosofia há um bom tempo. Chesterton, quando escreveu Ortodoxia, usou palavras pesadas para descrever Nietzsche. Descreveu-o como um fraco, pois não tinha coragem de assumir o deveria ser “o homem feliz” ou “o homem triste”. Por isso, segundo Chesterton, o filósofo escondia-se atrás de metáforas como “o super-homem”, sem descrever quais características são aquelas que o definem. E isso é o que tem permeado o pensamento humano recente: se meu ideal é impossível ou extremamente custoso, eu prefiro mudar o ideal. Mas isso não produz mudança da realidade; somente uma mudança de valores, que se acomodam a uma realidade sobre a qual nunca temos e nunca queremos ter real controle.

O cidadão do Reino de Deus é diferente. Vejamos o que Chesterton diz a esse respeito:

*“Enquanto a visão do céu estiver sempre mudando, a visão da terra será exatamente a mesma. Nenhum ideal continuará por um tempo longo o suficiente para ser concretizado, mesmo que seja de modo parcial. O jovem moderno nunca mudará o ambiente; ele sempre mudará a mente... O meu ideal pelo menos está fixo, pois foi fixado antes das fundações do mundo. **A minha visão de perfeição indubitavelmente não pode ser alterada, pois se chama Éden.** Você pode alterar o lugar para o qual se dirige, mas não pode alterar o lugar do qual saiu.” (G.K. Chesterton, Ortodoxia)*

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

O cidadão do Reino de Deus, aquele que ora com Jesus é alguém cuja visão de perfeição do Éden (a casa para onde devemos voltar) gera energia (*dýnamis*) para transformar a realidade à sua volta.

- **Dá-nos** – Esta frase é a que mais nos aproxima do entendimento da palavra de provisão para a nossa vida. É uma declaração de nossa **limitação física** e nossa dependência de nosso criador e provedor. É, sobretudo, um ato de entrega confiante na promessa feita no Éden. Ivênio dos Santos, em seu livro *Alma Nua* (um excelente e prático tratado sobre o Sermão do Monte) posiciona a oração que Jesus ensinou como um ato de adoração. E nesse sentido, declarar a Deus nossa necessidade e nossa confiança em que ele vai nos dar **o pão de cada dia a cada dia** é um ato de adoração.
- **Perdoa-nos assim** – A necessidade de perdão é um reconhecimento de nossa **limitação emocional** e que Deus há de suprir também essa necessidade. A afirmação também nos apresenta que, na comunidade da Trindade, existe a convivência, a reciprocidade e a interdependência. Em nossas necessidades emocionais, nós aprendemos que a comunidade nos apresenta um ambiente de exercício do pertencimento. A segurança de um mundo em que haja regras estáveis e saudáveis.  
Se, por um lado, sou levado a pensar que o perdão que receberei está condicionado ao perdão que darei, é importante lembrar-me que quando oro em comunidade, meu irmão está ao meu lado, declarando a mesma coisa. Então, no fim das contas, eu estou seguro de estar em um ambiente saudável em que **o perdão é uma graça que sempre vem socorrer o meu coração**.  
O perdão nunca está em falta no Reino de Deus.
- **Livra-nos do mal** – Quando oro para que o Pai livre-nos do mal, estou declarando minha **dependência espiritual**. Igualmente, é uma coisa pela qual oro e já sei que Deus proverá com prazer e liberalidade. Na verdade, é exatamente o tipo de robustez espiritual que a prática da oração traz ao crente.
- **Pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre** – Teu é tudo. Portanto, nada há que minha preocupação ou cuidado acrescentem ao que Deus tem para a minha Provisão. O próprio Jesus, continuando em sua pedagogia após apresentar esta oração, afirma...

*“Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?” (Mateus 6:27)*

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

... o que não significa, entretanto, que não haja trabalho destinado a mim (o que é dito na Palavra de Revelação). Não por outro motivo, Paulo alerta os Tessalonicenses em sua primeira carta que não há motivo ou desculpa para a ociosidade.

*“Exortamos vocês, irmãos, a que advertam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos.” (1 Tessalonicenses 5:14)*

Mas é importante que aquele que ora não se esqueça de que tudo está sob controle de Deus, a quem tudo pertence e que faz uso dos recursos do Reino de acordo com sua onisciência, sabendo administra-los de maneira que eu ou você jamais saberemos.

- **Amém!** - A palavra significa “assim seja”. Significa que ainda há coisas que não estão feitas. Há trabalho sendo feito – na minha vida, na vida do meu irmão, na comunidade. É um alerta para que eu não esqueça que ainda não é tempo de descansar – o que, inclusive, remete-nos à **Palavra de Revelação**, que é **o que nos cabe fazer**. A oração tem o papel de lembrar-me que o Reino de Deus é lugar de trabalho e que, para isso, é necessário que eu esteja preparado em todo o tempo.

Quando olho para essas coisas, se meu coração está sincero, percebo que o que Jesus nos ensina a respeito da oração (e age, como representação viva da Palavra) é fundamentalmente uma coisa que tem a ver como a maneira que eu encaro a provisão de Deus para a minha vida. Mesmo o pedido por algo objetivo (como “o pão de cada dia”) é uma atitude de submissão e entrega confiante à provisão (tal qual aquela que foi prometida no Éden e pervertida na queda). C.S. Lewis, quando perguntado sobre o porquê de orar em favor de sua esposa com câncer, respondeu

*“As minhas orações não mudam a Deus; mudam a mim mesmo” (C.S.Lewis)*

Também é importante notar que há três grupos distintos na oração que Jesus ensinou. O trecho inicial (de “Pai...” até “... assim na terra como no céu”) trata de qualificar nosso nível de relacionamento com Deus e as respectivas expectativas que isso representa; o trecho intermediário (de “Dá-nos...” até “Livra-nos...”) trata de nossas necessidades e cada uma das petições são, de fato, declarações que qualifica nossa expectativa quanto à provisão de Deus nas nossas vidas e; o trecho final é o “envelope” disso tudo, que reconhece a soberania de Deus, reconhece que a obra está sendo feita (no mundo e na minha vida), e que cabe a nós entender e assumir minha parte nesse cenário.

### Palavra de provisão – primeira história

Aquele que ora (ou está determinado a fazê-lo) sabe que não é tarefa fácil. É o tipo de coisa que, mesmo com toda a simplicidade que nos foi apresentada, o ato de orar é algo que demanda determinação e persistência. Em parte porque o que acabamos de ver, quando refletimos nas coisas que, de fato, devem ser ditas (“Quando vocês orarem, DIGAM”), em parte porque a oração

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

trata com a nossa percepção de tempo e resultado com o que Deus quer nos ensinar a respeito do tempo dEle.

O resultado disso, muitas vezes, é o **desânimo**. O próprio C.S. Lewis, que fez a afirmação profunda e ousada sobre o propósito da oração (registrada no tópico anterior), em determinado momento reconheceu-se desanimado com tudo.

Por esse motivo, Jesus conta uma história com um propósito bem estabelecido.

*“Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar.” (Lucas 18:1)*

Ou seja, fazer com que aqueles que se propõem a orar foi o objeto de uma parábola específica. Então, a primeira coisa que você e eu precisamos saber é que aquele sentimento de desânimo que, vez por outra (ou quase sempre), se abate sobre nós quando oramos não é uma coisa que deva nos deixar com sentimento de culpa por causa de nossa instabilidade espiritual; o risco de cair em desânimo é algo frequente e natural para quem tem uma vida de oração. Vejamos:

*“Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. Ele disse: ‘Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário’. Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha me importunar’ ”. E o Senhor continuou: ‘Ouçam o que diz o juiz injusto. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?’”.* (Lucas 18:1-8)

Para melhor entendimento do contexto da história, vale a pena olharmos para cada um dos personagens:

- a) **O juiz injusto** – Homem de uma personalidade extremamente egoísta, levando uma vida sem compromisso tanto com Deus quanto com a sociedade.
- b) **A viúva** – Personagem principal, uma pessoa insistente e determinada em ser atendida em sua necessidade.
- c) **Deus** – Apresentado como a antítese do “juiz injusto”. Aquele que não tardará (“... *lhes fará justiça, e depressa.*”) a atender às necessidades daqueles que a ele clamam.

O detalhe para qual é importante que tenhamos atenção é a descrição da viúva sob a perspectiva do próprio juiz. A palavra usada por Lucas no relato é **“hypōpiazō”**, traduzida por **“importunar”**. Esse termo refere-se literalmente ao ato de fustigar alguém como um pugilista o faz. Como

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

gostam de dizer os apaixonados por essa modalidade, “*esgrimir com os braços*” – em referência à esgrima, uma modalidade esportiva em que um dos competidores busca encontrar brechas na guarda do adversário para estoca-lo com sua espada (vence quem atinge mais vezes o adversário).

E Jesus compara esta mulher a uma esgrimista, avançando contra seu oponente. E essa analogia é preciosa, pois tanto o pugilista quanto o esgrimista devem ter uma preparação física tão apurada quanto sua técnica em encontrar brechas na guarda do adversário. É famosa a luta de Mohamed Ali contra George Foreman no ano de 1974 (no Zaire). Foreman, à época, muito mais novo que seu oponente, passou sete assaltos batendo insistentemente em Ali, que apenas esquivava-se e defendia-se. No oitavo assalto, ao perceber Foreman esgotado (de tanto bater), Ali partiu para o ataque e venceu-o em um dos nocautes mais espetaculares da história do boxe.

Foreman não tinha fôlego ou preparo físico para uma luta inteira, mesmo que estivesse em vantagem durante a maioria do tempo. Tampouco teve preparo mental para comportar-se e dosar as forças no momento em que se percebeu esgotado fisicamente.

Assim, entendemos que é preciso perseverança e fôlego para aquele que, como a viúva da parábola, investe diariamente em oração. Aliás, este é mesmo o propósito da oração: tornar-nos mais fortes e resistentes para os momentos em que nem tudo vai bem (ou tudo vai bem mal).

É um grande desafio para todos nós. Especialmente porque o que ouvimos na maioria das vezes são os casos em que, em um momento de crise, o crente orou e recebeu uma resposta sobrenatural e imediata. Gostamos de histórias assim e elas acontecem, graças a Deus. Mas elas não são a regra geral e aquele que ora precisa preparar-se mental e espiritualmente para o dia-a-dia não tão glamoroso da oração – um dia-a-dia de perseverança e resistência.

Quando penso nisso, sempre me lembro da declaração de Neil Armstrong, primeiro homem a pousar na lua, em 20 de julho de 1969. Sua frase ficou famosa:

*“Este é um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade.”*  
(Neil Armstrong, 20/07/1969)

Foi uma frase de efeito e muito apropriada para aquele momento auspicioso da humanidade. Entretanto, você e eu podemos ficar como que hipnotizados pelo momento e perdermos a noção de que aquele projeto começou, no mínimo, em 25 de maio de 1961, quando o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy fez um **menos famoso** discurso ao Congresso, com o objetivo de obter os fundos para a empreitada.

*“Eu acredito que esta nação deve comprometer-se com atingir o objetivo de, antes do final desta década, colocar o homem na lua e trazê-lo de volta em segurança para a Terra”*  
(John F. Kennedy, 25/05/1961)

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

Significa que antes do pequeno e importantíssimo passo dado em 1969, houve uma infinidade de pessoas trabalhando anonimamente e dando pequenos passos durante aqueles anos de trabalho – e não podemos perder de vista que, para chegar ao pequeno passo de 1969, houve muita luta, muito choro, muita perseverança e muita resistência física.

Com a oração é a mesma coisa e é a mensagem principal que Jesus ensina em sua história. Aliás, a conclusão da parábola é um desafio que deve ser motivo de reflexão para cada um de nós.

*“Eu lhes digo: ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lucas 18:8)*

Estaria eu apropriadamente preparado e determinado para não desistir e proclamar minha total fé na **Palavra da Provisão** que Deus tem para a minha vida?

### Palavra de provisão – História número 2

Existe uma segunda história que Jesus conta. E essa é imediatamente em seguida ao momento em que ele ensina aos discípulos como devem orar. Portanto, é uma história de peso, que tem o objetivo de aplicar o ensino que acabou de ser dado à prática e à realidade daqueles que o receberam.

Então admito que, à primeira vista, é uma aplicação que me causa certa estranheza. Por isso, é importante pararmos um pouco para pensar no que essa história quer nos contar a respeito da oração aplicada.

*“... Suponham que um de vocês tenha um amigo e que recorra a ele à meia-noite e diga: ‘Amigo, empreste-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem, e não tenho nada para lhe oferecer’. E o que estiver dentro responda: ‘Não me incomode. A porta já está fechada, e meus filhos estão deitados comigo. Não posso me levantar e lhe dar o que me pede’. Eu lhes digo: embora ele não se levante para dar-lhe o pão por ser seu amigo, por causa da **importunação** se levantará e lhe dará tudo o que precisar.” (Lucas 11:5-8)*

Vamos aos personagens:

- a) Amigo 1 (o inconveniente 1) – Naquelas regiões, por causa do calor durante o dia, não era incomum que as viagens acontecessem no período da noite. Entretanto, chegar à casa de alguém à meia-noite não é algo muito comum. Algo deve ter acontecido para que ele só chegasse a um pouso àquela hora. Independentemente do motivo, é alguém que, de maneira inconveniente, chega pedindo por hospitalidade.
- b) Amigo 2 (o inconveniente 2) – Esse amigo é a pessoa para quem Jesus está contando esta história de aplicação da oração. No caso, os discípulos e os que estão por perto ouvindo. Eu ou você podemos ser esse que, no meio da noite, recebe a visita de um amigo viajante.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

Essa pessoa, tendo sido surpreendida pelo amigo viajante, tem um motivo justo para ir pedir ajuda do terceiro amigo – mas não deixa de ser também uma pessoa inconveniente.

- c) Amigo 3 (o incomodado) – Esse amigo é alguém que, dentro de seus direitos, goza de um sono reparador e é incomodado “por um amigo que foi incomodado por outro”. Ele não quer e não se espera dele que atenda ao pedido daquele que bate à sua porta, mas o faz assim mesmo.

A chave da questão é que, tal qual na história da viúva, algo que é traduzido como **importunação** (note que destaquei o termo nas duas histórias). Entretanto, é bom sabermos que a palavra traduzida por importunação nesta história é diferente daquela que Jesus usou na história da viúva. Isso acontece porque, de fato, Jesus queria ensinar outro aspecto relacionado à oração.

Nesta história, a palavra grega traduzida por importunação é **“anaideia”**, que significa aquele que pede e aborda sem barreiras, sem temores e sem medo do que vai ouvir como resposta. Ele apenas pede porque precisa. Simples assim.

Repito aqui que Jesus havia acabado de ensinar seus discípulos a orarem. Na narrativa de Lucas, entretanto, é bom notar que os discípulos pediram para que Jesus os ensinasse por um motivo específico: João Batista teria ensinado aos seus discípulos como orar.

Então, Jesus apresenta os aspectos básicos de uma oração (conforme vimos no tópico “... DIGAM”), mas de maneira sutil, porém contundente é que, aquele que precisa pede (aliás, é uma orientação similar à registrada no relato de Mateus 6). E pede porque precisa, sabendo que aquele para quem vai pedir não tem obrigação de mexer-se para atendê-lo. Mas por causa da intrepidez e da necessidade do amigo que pede, **levanta-se** e dá tudo o que o outro precisa. Em seguida, Jesus lembra aos discípulos que Deus é o Pai. Assim como nós nos levantamos para dar o que nossos filhos precisam, Deus levanta-se, mexe-se, age. Por minha e por sua causa Ele sai de seu lugar de conforto – porque você e eu precisamos de algo.

Mas o mais surpreendente e contundente é o que vemos na conclusão da história. Jesus diz:

*“Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está no céu dará o Espírito Santo a quem o pedir!” (Lucas 11:13)*

Mas o amigo não estava pedindo pão? E a oração que Jesus ensinou não fala em pedir pão? E Jesus conclui falando que o Pai dará o Espírito Santo a quem pedir?

Creio que esta seja uma das partes do plano de Deus para resgatar-nos que me deixa mais deslumbrado: há uma sequência para aquele que veio ser resgatado pela Palavra. Você e eu precisamos aprender que Deus é quem tudo provê. Uma vez que isso está sedimentado em nossos corações, estamos prontos para pedir para que Deus nos capacite (com dons do Espírito Santo) para fazermos aquilo que ele vai nos revelar através da Palavra de Revelação.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

### Prontos para a provisão

Há outras histórias que Jesus contou e que tratam de aspectos relacionados à oração. No capítulo 18, após a história da viúva, Jesus conta a história de duas pessoas (um fariseu e um publicano) que foram à sinagoga para orar (o que é extremamente incomum em relação às histórias que Jesus contava àqueles que o seguiam). Mas não vamos olhar para essa história, igualmente rica em ensinamentos, durante este curso.

Aquilo para que eu chamo a sua atenção é que imediatamente depois de contar a história do fariseu e do publicano na sinagoga, Lucas relata que o povo estava trazendo crianças para que Jesus tocasse nelas e que os discípulos estavam tentando impedir que essas crianças chegassem até ele. Jesus os repreendeu.

*“Mas Jesus chamou a si as crianças e disse: ‘Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele’.”  
(Lucas 18:16,17)*

Você ou eu podemos nos perguntar: o que a criança tem de tão especial? A resposta, que Jesus dá logo no episódio seguinte relatado por Lucas é clara: A questão é **o que as crianças não têm**. Perceba que, em seguida, Jesus conversa com o moço rico, seguidor dos mandamentos e para quem Jesus pede que deixe seus recursos se quiser segui-lo. O moço sai dali triste porque era muito rico – **ele já tinha muitas coisas** e, portanto, era muito difícil desapegar-se daquilo que tinha conquistado.

Aquele que tem ou acredita que já tem muitas coisas, não consegue chegar-se ao Pai para abraçá-lo e dizer que depende totalmente do seu sustento para viver.

Quando você e eu reconhecemos (como Paulo o fez na carta aos Filipenses) que as coisas que pensamos ter não são nada diante da graça e do cuidado do Pai, estamos prontos para receber e gozar da Palavra da Provisão para as nossas vidas.

*“Mas o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por cuja causa perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar a Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé. Quero conhecer a Cristo, ao poder da sua ressurreição e à participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos.” (Filipenses 3:7-11)*

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

### Anexo

#### Gentileza (Marisa Monte)

Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
A palavra no muro  
Ficou coberta de tinta.

Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
Só ficou no muro  
Tristeza e tinta fresca

Nos que passamos apesados  
Pelas ruas da cidade merecemos  
Ler as letras e as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto  
A você do mundo  
Se é mais inteligente  
Livro ou sabedoria.

O mundo é uma escola  
A vida é o circo  
Amor palavra que liberta  
Já dizia o profeta.

## Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 3)

---

### Fale de Amor (Jorge Camargo)

Fale de amor  
No espelho d'água de seus olhos  
Abra os portais do seu abraço  
Se for preciso, use palavras

Fale de amor  
Trocando os sons pelo silêncio  
Tornando voz em gesto e ato  
Se for preciso, use palavras

Proclame a vida  
Em seu singelo esplendor  
Cantando ao vento  
A música do seu amor

Fale de amor  
Livre de amarras e de pesos  
Com suas lágrimas, sorrisos,  
Se for preciso, use palavras

O sol, a lua e as estrelas  
Mulheres, homens e animais  
Irmanados na riqueza  
Suprema que é viver em paz

Proclamem a vida  
Em seu singelo esplendor  
Cantando ao vento  
A música do seu amor

*Nota: Esta canção é baseada em uma suposta frase de Francisco de Assis, que teria dito **"Prega o evangelho. Se for preciso, use palavras."** Embora não haja registro dessa frase em nenhum de seus escritos ou biografias, é uma frase que, sem dúvida, exprime o jeito franciscano de encarar o mundo.*